

humanitas

Vol. LVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVI • MMIV



cos (José Monleón, "La *Medea* de Alberto González Vergel (1971)", pp. 1033-43; Francisco Palencia Cortés, "Tres autores (Eurípides, Séneca y Ovidio) para un montaje de *Medea* (2000)", pp. 1137-56) e chega a 2001 "como un drama universal" (José Vte. Bañuls - Carmen Morenilla, "*Medea* de Gil Albers (2001)", pp. 1157-74); uma Medeia que seduziu e desafiou o génio de autores como Pierre Corneille e Jean Anouilh (Ofélia Paiva Monteiro, "Medeia ou o egotismo trágico. De Corneille a Anouilh", pp. 797-817; José S. Lasso de la Vega, "La *Medea* de Anouilh (1946, 1953)", pp. 897-920), Frenz Grillparzer (Ludwig Scheidl, "Franz Grillparzer: Das Klassische und das Romantische in *Medea*", pp. 847-64), T. S. Moore (Inmaculada del Árbol Fernández - José Luis Vázquez Marruecos, "La *Medea* inglesa de T. S. Moore (1920)", pp. 867-85), Miguel de Unamuno (Andrés Pociña, "Unamuno y la *Medea* de Séneca (1933)", pp. 887-96), Alfonso Sastre (Francisca Moya del Baño, "La *Medea* de Alfonso Sastre (1963)", pp. 967-94) e Christa Wolf (María del Carmen Cabrero, "Las *Voces* de la *Medea* de Christa Wolf", pp. 1073-103).

Como esta obra vem provar, da Grécia até ao momento em que vivemos, e sem dúvida nos séculos que hão-de vir, Medeia está viva e transforma-se, personagem dividida e que nos divide, que rejeitamos ao mesmo tempo que nos atrai, porque revela o que de mais negro e mais luminoso pode existir na alma humana. Talvez o fascínio venha dessa fractura entre a Medeia que ama e tudo dá, numa entrega sem limites, e a Medeia que odeia e destrói, num gesto, também desmedido, de infracção ao que há-de mais sagrado. Daí a importância desta recolha de estudos.

Cristina de Sousa Pimentel

FERREIRA, José Ribeiro, *Amor e morte na Cultura Clássica* (Coimbra, Ariadne, 2004) 112 p. ISBN: 972-8838-09-3

Servindo-se de uma linguagem leve, mas que não abdica do rigor científico, J. R. Ferreira faz vir a público um interessante livro sobre o binómio Amor e Morte (Eros e Thánatos), que faculta ao Autor um excelente motivo para apresentar alguns dos mais belos episódios da cultura greco-romana. Recriados quer pelo universo colectivo do mito quer ainda pelo génio artístico individual, transformaram-se, ao longo da história da cultura ocidental, em eloquentes metáforas dos dramas e alegrias da existência humana e da sua relação com as potências imortais, bem como fonte inesgotável de reescritas e imitações.

Na "Introdução" (13-20) a estes breves estudos, J. R. Ferreira faz um enquadramento sucinto do imaginário ligado ao Amor e à Morte, desde os Poemas Homéricos até aos tempos romanos, passando por Hesíodo, por vários poe-

tas da Época Arcaica, por alguns dos nomes mais importantes da Época Clássica (especialmente autores trágicos) e do período helenístico. De força cósmica, Eros vai evoluindo, paulatinamente, para os traços de jovem delicado ou de criança travessa, acabando por ser este o imaginário preferido da época romana. A este breve panorama (e por isso forçosamente resumido) seria de acrescentar, porventura, também uma referência à comédia nova e ao romance, onde a intriga amorosa ganha uma crescente importância, a ponto de tornar-se num elemento diegético essencial. Quanto a *Thánatos*, J. R. Ferreira salienta que se trata de uma realidade que «aparece como consequência do mal, de uma falta, ou devido à sedução de algum representante do mal» (14). Desta forma, raramente ocorre como pessoa mitológica, sendo privilegiados, na sua caracterização, os traços indefinidos. A morte implicava o abandono da luz do sol, com tudo o que isso tinha de negativo para uma civilização mediterrânica, mas não representava necessariamente a destruição (com excepção de algumas correntes filosóficas), já que a existência continuava no Hades (para os Gregos) ou no Orco ou Infernos (para os Romanos). Este aspecto motivará, de resto, ao A. algumas reflexões oportunas sobre a concepção do Além. J. R. Ferreira encerra este capítulo introdutório com uma síntese das diferentes formas de que o Amor usa revestir-se, e que tanto podem fazer dele causa de Morte como de superação dos limites humanos.

O capítulo I. "Eros causa de destruição e morte" (21-31) traz uma interessante ponderação dos efeitos destrutivos do amor, tomando por objecto privilegiado de análise os Poemas Homéricos e a guerra de Tróia, enquanto consequência nefasta dos amores de Páris e Helena (que é «em Homero a aspiração à beleza suprema, ou seja ao eros», p. 21). É particularmente oportuna, pela simplicidade e significado, a evocação dos laços que ligam Heitor e Andrómaca ao longo da epopeia: os receios que ambos partilham, o amor que nutrem um pelo outro e ainda os cuidados de Andrómaca, mesmo no dia em que intuiu que o marido não regressaria; o seu desespero ao vê-lo perecer, a ânsia em prestar-lhe honras fúnebres. O A. recorda, ainda, um outro exemplo, retirado agora da tragédia (*Supplícantes* de Eurípides): o suicídio amoroso de Evadne, viúva de Capaneu, que não consegue viver sem o marido; apesar de ser um fim sem utilidade prática (ao contrário de Alceste, que se oferece pela vida do marido, ou de Macária, que morre para salvar a cidade), esta cena, profundamente patética e permeada pela linguagem eterna dos que morrem por amor, denuncia sobretudo «o sofrimento que a guerra sempre causa, seja ela uma guerra justa ou injusta» (p. 30).

No capítulo II. "Amor e mortalidade" (33-41), J. R. Ferreira retoma os Poemas Homéricos para analisar agora a relação de Ulisses e Penélope na *Odisseia*, como um caso de amor e sofrimento; embora o desfecho seja feliz, a ameaça do perigo e da morte ronda sempre o coração dos dois esposos. Se bem que Ulisses sucumba à tentação de Calipso, é como exilado em pátria estranha que declina a oferta da imortalidade, em favor do perigoso regresso a itaca. (Este episódio

motivará ainda, ao A., algumas reflexões de carácter filológico (pp. 36-7), relativas à autenticidade dos últimos versos do canto XXIII e de todo o canto XXIV da *Odisséia*.) Sobre a mesma temática, o A. aborda ainda o mito de Eos e de Titono, contado no *Hino Homérico a Afrodite*, evocado pela deusa do amor para justificar a sua decisão de abandonar Anquises e de não o tornar imortal. J. R. FERREIRA comenta (p. 40) que «ao obter a imortalidade sem conseguir a eterna juventude, Titono oferece um apólogo ilustrativo do erro a que conduz o louco desejo de igualar os homens aos deuses, os mortais aos imortais.» Se Afrodite pedisse a imortalidade para Anquises, não poderia, em seguida, parar o avanço irreprimível da velhice e, com ela, a visão antecipada da morte.

No capítulo III. "O amor causa de morte" (43-61), o A. percorre os ínvios trilhos do amor enquanto potência destrutiva, quando suplanta a força da razão e acaba por atrair a morte, de forma deliberada ou não. Para essa análise, evoca as consequências nefastas da relação entre Dejanira e Heracles (a partir das *Traquiadas* de Sófocles), de Jasão e Medeia, de Fedra e Hipólito (na perspectiva dos dramas eurípidianos *Medeia* e *Hipólito*), de Dido e Eneias (na versão da *Eneida* de Virgílio). Em todos estes casos, um amor incontrolável e irracional dá lugar a Thánatos, seja porque se deixa arrastar pela torrente cega do ciúme, seja porque sucumbe aos violentos golpes do desespero.

O capítulo IV. "O amor vence a morte" (63-84), apresenta-nos, pelo contrário, exemplos de um amor redentor, capaz de franquear as pesadas portas da morte. J. R. FERREIRA baseia a sua abordagem na relação de Alceste com Admeto e nos mitos de Orfeu e Euridice e de Protesilau e Laodamia. A intriga da *Alceste* de Eurípides junta a tradição do conto popular do sacrifício da vida por amor ao tema da luta com a morte. Perante a imposição do fim de Admeto, será Alceste somente quem se disporá a dar a sua vida pela existência do esposo. Quem aceita este sacrifício não é a jovem noiva movida pela eventual irreflexão do impulso amoroso, mas antes a mãe de filhos, que com Admeto viveu anos de grande felicidade. Como oportunamente salienta o A., o diálogo entre Admeto e Feres (seu pai) põe a nu todo o egoísmo e desesperado apego à vida, que, sendo embora um sentimento humano compreensível, os torna «incapazes de qualquer ideal: contraste vincado com a abnegação e o amor de Alceste» (68). Acabará por ser Hércules, que, em reconhecimento pela hospitalidade recebida, irá lutar com Thánatos, que forçará a devolver Alceste à vida. E assim, «a associação do conto do sacrifício da vida por amor com o combate com a morte levava a um final feliz; desta vez, o amor superara a morte» (72). A análise desta temática leva, ainda, J. R. Ferreira a abordar dois outros importantes mitos: Orfeu e Euridice, Protesilau e Laodamia. No primeiro, o Amor consegue também triunfar, embora em parte somente, sobre a Morte: o elemento essencial do mito reside na magia do canto de Orfeu. O mito de Protesilau e Laodamia exprime igualmente, à sua maneira, a capacidade que um Amor intenso e recíproco tem para vencer as sombras infer-

nais, a ponto de os deuses permitirem o regresso de Protesilau à terra, ainda que só por umas escassas e intensas três horas.

O A. consagra ainda um pequeno capítulo a "Amor e Psique" (85-7), salientando que a este conto (conhecido sobretudo pela versão de Apuleio) subjaz igualmente, em vários momentos, o binómio Amor e Morte. O episódio serve ainda para recordar um receio profundamente arreigado na cultura clássica em geral: a suspeita de que a excelência humana (neste caso a beleza etérea de Psique) pode despertar a inveja divina (consubstanciada em Vénus). Mas também desta vez o Amor tem capacidade para oferecer a solução final, se for capaz de libertar-se das peias que lhe tolhem os movimentos e a livre iniciativa.

O volume encerra com um capítulo relativamente longo que tem por tema "A dialéctica entre Pólemos, Eros e Thánatos" (89-110). J. R. Ferreira evoca, sobretudo, algumas das tragédias euripidianas do ciclo troiano, onde o motivo do Amor e da Morte surge entretecido com um outro *topos*: a Guerra. De todas as abordagens, esta é aquela onde a marca do filólogo se torna mais visível e onde, por esse motivo, a linguagem "transversal" adoptada nos capítulos precedentes sofre um ligeiro recuo. Ainda assim, mantém-se inalterada a ligação ao tema central e a mesma preocupação em orientar o leitor nas grandes linhas de interpretação, centradas agora na mundividência de Eurípides. Da crítica feita à guerra, resulta, por um lado, a necessidade de harmonia e entendimento entre os Helenos, mas salienta-se, em particular, a situação deplorável das vítimas inocentes dos conflitos: as mulheres e as crianças. Conforme diz o A., a encerrar o estudo (p. 110), «ao condenar a guerra, Eurípides tem em mente não um povo ou raça, mas visa a humanidade».

Com este pequeno livro, J. R. Ferreira dá um óptimo contributo a um duplo objectivo que não deve andar arredado das preocupações de um docente e investigador universitário, em particular na área dos Estudos Clássicos: criar material de apoio a uma actividade pedagógica séria; mostrar a pertinência do estudo da cultura greco-romana, de forma agradável e acessível a um público mais vasto, sem perder nunca de vista o necessário rigor científico. Resta-nos exprimir o voto de que a este volume possam seguir-se outros estudos igualmente motivadores.

Del fim F. Leão

Ferreira, José Ribeiro, *Amor e morte na Cultura Clássica* (Coimbra, Ariadne, 2004) 112 p. ISBN: 972-8838-09-3

De prático formato de bolso, capa consistente azul clarinha a condizer com o tema, lê-se de uma assentada e com muito gosto este livrinho de uma novel editora, que se propõe, tal como Ariadne, «tecer fios para conduzir», editar livros

Humanitas 56 (2004)